Indivíduo e grupo: à procura de uma classificação das personagens mítico-rituais Timbiras

JULIO CEZAR MELATTI

I — INTRODUÇÃO

As considerações que seguem[1] devem ser tomadas como preliminares a um trabalho maior, portanto, incompletas e sujeitas a reformulação. Tento aqui estender a outras tribos Timbiras[2] certas conexões entre personagens mítico-rituais a que cheguei em meu último livro (MELATTI, 1978), sobre os Craôs. Por isso, o leitor que achar este trabalho muito esquemático ou pouco inteligível talvez deva começar pela leitura do referido livro, principalmente do Capítulo V. De certa forma, a divulgação destas considerações constitui um convite àqueles que trabalham em pesquisa com grupos Jê para que retomemos o estudo comparativo dos mesmos, agora no que se refere aos ritos, a exemplo do que foi feito com referência à estrutura social, trabalho comparativo cujos resultados foram publicados recentemente (MAYBURY-LEWIS, 1979).

Atualmente existem as seguintes tribos Timbiras: os Ramkhokhamekhrá (Canelas), os Apaniekhrá (também conhecidos como Canelas), os Krinkatí, os Pukobyê, no Maranhão; os Parkateyê (Ga-

---

1 Uma versão preliminar deste artigo foi publicada em texto mimeografado (MELATTI, 1979b). Agradeço a Roberto Cardoso de Oliveira as críticas e sugestões com que contribuiu para a redação da presente versão.

2 Os nomes de tribos, bem como as palavras indígenas, estão grafados segundo a transcrição lata que propus em MELATTI, 1979a. De acordo com o que proponho em tal artigo, aportuguesei os nomes "Timbiras", "Craôs" e "Apinajés", uma vez que podem ser considerados como incorporados ao português (cf. *Os Timbiras*, de Gonçalves Dias; "Craolândia" e "Apinajés", pequenas localidades do norte de Goiás).

viões), no Pará; os Craôs e os Apinajés, em Goiás. As outras se extinguiram ou seus membros se dispersaram, em parte, se abrigando nas aldeias das acima citadas. Os Krinkatí e os Pukobyê parecem considerar-se como uma única unidade para certos propósitos, mas como tribos distintas para outros (LAVE, 1967, p. 36). Todas essas tribos falam dialetos, mutuamente inteligíveis, de uma mesma língua, a Timbira, que pertence à família Jê.

II — Os Grupos da Praça

Um dos aspectos mais notáveis da organização das tribos Timbiras são as várias maneiras de se subdividirem em grupos para as atividades rituais. Em *Ritos de uma tribo Timbira* (MELATTI, 1978), tive a oportunidade de examinar os vários grupos e subgrupos rituais dos Craôs. Uma das coisas que mais me surpreenderam na redação do livro foi perceber que, à medida que o escrevia, descrevendo e analisando ritos e mitos dos Craôs, e relacionando uns com os outros, ia vislumbrando o significado dos grupos da praça, algo que me intrigava havia muitos anos.

"Grupos da praça" foi o termo com que Curt Nimuendaju denominou um conjunto de seis grupos que, entre os Ramkhokhamekhrá, participam de ritos de iniciação, distribuídos nas "metades da praça", três em cada uma. Esses grupos congregam apenas indivíduos do sexo masculino, segundo os nomes pessoais de que sejam portadores (NIMUENDAJU, 1946, p. 87). O fato de se usar os termos "metades da praça" e "grupos da praça", calcados nos próprios termos Ramkhokhamekhrá, para essas divisões e subdivisões, não quer dizer que elas sejam as únicas a terem lugar na praça central da aldeia.

a) Os Grupos da Praça entre os Craôs

Os Craôs também têm as metades da praça, mas cada uma se divide em quatro grupos e não em apenas três, como entre os Ramkhokhamekhrá. Na metade ocidental ficam os grupos *Txó* (Raposa), *Hók* (Gavião), *Khedré* (Periquito), *Kupên* (Estranho); na oriental estão *Pan* (Coruja), *Autxêt* (Peba), *Txôn* (Urubu) e *Krên* (Periquito-estrela). Sua posição na praça da aldeia está representada na Figura n.º 1. Normalmente, são as metades da praça que se enfrentam como rivais nas corridas de toras. Mas, quando os Peri-

quitos cortam toras,[3] fazem mais de um par das mesmas; então, cada grupo de uma metade compete com um da metade oposta, da seguinte maneira: Raposas X Corujas, Gaviões X Pebas, Periquitos X Urubus e Estranhos X Periquitos-estrelas. Porém, como o grupo Periquito-estrela tem um número exíguo de membros, uma parte dos Urubus deve ajudá-los a enfrentar os Estranhos, diz uma informação; ou então, segundo outra, que ignora sua existência, os Estranhos se juntam aos Periquitos para enfrentar os Urubus (MELATTI, 1978, pp. 276-277). À guisa de curiosidade, e com uma pequena margem de erro, era a seguinte a distribuição dos 254 indivíduos do sexo masculino, que viviam nas aldeias Craôs, em 1962, pelos grupos da praça: 70 Urubus, 40 Periquitos, 35 Estranhos, 32 Gaviões, 27 Raposas, 26 Pebas, 18 Corujas, 2 Periquitos-estrelas (indicados, também, como Pebas, talvez como parte da segunda solução, que considera os Periquitos-estrelas como exstintos) e 4 que faziam parte de mais de um grupo.[4]

Na análise dos ritos Craôs e dos mitos a eles relacionados, cheguei à conclusão de que grupos da praça contíguos podem ser reunidos dois a dois, de tal modo que os componentes de cada par apresentem características em que se assemelham e outras características que os opõem. Esses pares seriam: "Gaviões/Periquitos, Estranhos/Periquitos-estrelas, Urubus/Pebas e Corujas/Raposas, tal como se vê na Figura n.º 2. Convém notar que esses pares são uma construção do pesquisador e não algo que os Craôs reconheçam explicitamente.

---

[3] Os Craôs disputam, com freqüência, corridas de toras, um esporte ritual que nem todos os Timbiras ainda mantêm. Os dois times competidores são constituídos por membros de um determinado par de metades. Assim, há corridas em que se opõem as metades da praça, outras são disputadas pelas metades sazonais; há aquelas em que competem as metades de idade; e existem, ainda, outras mais, em que concorrem outros pares de metades. Normalmente, as corridas se fazem de fora para dentro da aldeia, usando-se duas seções de troncos de buriti ou, menos freqüentemente, de madeira de outros vegetais. Cada tora, isto é, cada uma dessas seções cilíndricas, é carregada por um membro de uma das metades competidoras. Toda vez que um dos carregadores dá mostras de estar cansado, é alcançado por um dos companheiros de metade que o seguem, o qual lhe toma a tora, continuando a corrida. Para cada corrida que se faz de fora para dentro da aldeia um novo par de toras é preparado. Normalmente, os dois cilindros são cortados pelos membros de uma só das metades rivais. Uma descrição sucinta das corridas de toras se encontra em MELATTI, 1976.

[4] Quando um indivíduo recebe nomes pessoais de mais de um transmissor, não raro, esses transmissores pertencem a grupos da praça distintos. Diz-se, então, que o indivíduo pertence igualmente a esses grupos, até que opte por apenas um deles

O par Gaviões/Periquitos parece constituir uma réplica de uma série de pares de metades, presentes em ritos distintos, mas todos eles ligados, de algum modo, à iniciação dos jovens e realizados como se fossem variações de uma só matriz. Esses diversos pares de metades, às quais os homens se afiliam segundo sua livre escolha, são os seguinte:

Pentxú	(Abelhas)	/	*Krokrók*	(Papa-méis)
Yuyúi	(Muriçocas)	/	*Krokrók*	(Papa-méis)
Hók	(Gaviões)	/	*Krokrók*	(Papa-méis)
Hók	(Gaviões)	/	*Khoigayú*	(Marrecos)
Tép	(Peixes)	/	*Teré*	(Lontras)

Todos os homens adultos das aldeias fazem parte de todos os cinco pares de metades, e nunca um desses pares opera simultaneamente com outro. Entretanto, as metades que constituem a primeira coluna se identificam de algum modo entre si: em primeiro lugar, pela própria confusão que os índios fazem com as três primeiras, enganando-se freqüentemente, citando uma pelas outras; em segundo lugar, porque os animais que dão nomes à maioria delas são voadores; em terceiro lugar, porque dois desses animais se caracterizam por terem problemas em correr; os gaviões, por terem pernas curtas, os peixes, por não terem pés; em quarto lugar, porque os membros dessas metades nunca cortam e preparam as toras de corrida. Do mesmo modo, as metades da segunda coluna também se identificam entre si, por terem nomes de animais terretres (ou parcialmente terrestres, como os que dão nomes às duas últimas) e porque seus membros sempre cortam e preparam as toras. Enfim, esses vários pares de metades são, também, tal como os ritos de que participam, variações de uma mesma matriz (MELATTI, 1978, pp. 90-92). Os três primeiros pares de metades participam em três diferentes maneiras de realizar o rito de iniciação chamado *Pembkahók*. O mito do herói *Turkrên*, que foi conduzido aos céus pelos urubus e que lá viveu algum tempo com eles e com os gaviões, está intimamente ligado a este rito. Os iniciandos — os *Pembkahók* propriamente ditos — ficam isolados da vida rotineira da aldeia, tal como *Turkrên* nos céus. Ajudam os Papa-méis nas corridas de toras, mas sua casa ocupa uma po-

sição simbolicamente próxima à da metade com nome de animal alado. Em duas das maneiras de realizar o rito, casas de marimbondos, animais voadores e agressivos como os animais alados que dão nome a uma das metades, são destruídas, numa delas, claramente tomados como habitantes da aldeia inimiga. Por conseguinte, pode-se dizer que a metade dos Papa-méis representa a aldeia, enquanto as Abelhas, Muriçocas ou Gaviões, os inimigos (MELATTI, 1978, pp. 234-246).

Voltando aos grupos de praça, é digno de nota que, de todos eles, dois se destacam no que tange à corrida de toras: os Gaviões nunca cortam toras, enquanto que os Periquitos, em certas ocasiões, cortam mais do que o normal: cortam quatro pares de toras. Essa característica permite identificar o grupo da praça dos Gaviões com aquelas metades chamadas Abelhas, Muriçocas, Gaviões ou Peixes; o próprio nome do grupo de praça — Gaviões — é o nome de duas daquelas metades. Obviamente, pode-se identificar o grupo da praça com características inversas — cortar muitas toras — com as metades opostas àquelas e chamadas Papa-méis, Marrecos ou Lontras. Um outro detalhe acentua essa identificação: no rito de *Khoigayú*, um dos aludidos ritos ligados à iniciação, no qual se opõem as metades dos Gaviões e Marrecos, as parentas dos membros da segunda confeccionam muitos ovinhos de massa de mandioca, enquanto as parentas dos da primeira fazem uns poucos ovos maiores, o que identifica o grupo da praça Periquito com a metade Marreco, pois, como acentuam os Craôs, as aves que dão nome a este grupo da praça (*Khedré*) põem muitos ovos (MELATTI, 1978, pp. 300-301). Enfim, se o pátio inteiro da aldeia pode ser dividido entre as duas metades de um daqueles cinco pares, os grupos de praça Gaviões e Periquitos como que concentram essa oposição no recanto ocidental da praça, os primeiros representando os inimigos, os de fora, enquanto os segundos, os da aldeia, tal como acontece com as metades daqueles cinco pares.

Para reforçar o argumento, recorrerei a mais um par de metades, aquele constituído pela oposição *Katamyê/Wakmenyê*. Homens e mulheres se afiliam a essas metades segundo os nomes pessoais de que sejam portadores. A primeira delas está associada ao ocidente, à periferia da aldeia, ao norte, à estação chuvosa, aos adornos de folhas verde-escuro, à pintura corporal com traços horizontais; a ela pertencem os dois "prefeitos" que administram a aldeia durante a estação chuvosa. A segunda se liga ao oriente, à praça da aldeia, ao dia, à estação seca, aos adornos de folhas verde-claro, à pintura corporal de traços verticais. É digna de nota, sobretudo,

a oposição periferia/praça, pois, de certo modo, liga o par *Katamyê/Wakmenyê* a outras oposições como mulheres/homens, mortos/vivos, os de fora/os de dentro. Em certos ritos, os membros da metade *Katamyê* são emplumados com penas de gavião (ou juriti), enquanto os da metade *Wakmenyê*, com penas de periquito (ou papagaio), ou seja, de animais que dão nome (ou a eles semelhantes) aos grupos da praça em questão. Haveria pois, uma correspondência entre o par de metades *Katamyê/Wakmenyê* e o par constituído pelos grupos de praça Gaviões/Periquitos (MELATTI, 1978, p. 301). Desse modo, os Gaviões, mais uma vez, representariam os da periferia ou de fora, enquanto os Periquitos, os da praça ou de dentro.

Já o par Urubus/Pebas é constituído pelos "separadores". De fato, são os Urubus que conduzem os jovens à reclusão em mais de um dos ritos ligados à iniciação, separando-os da comunidade, tal como os urubus do mito conduziram o herói *Turkrên* à região celeste. Já os Pebas são aqueles que conduzem os iniciandos para fora da aldeia no final do rito de *Khetuayê*,[5] tal como o herói mítico que desce ao mundo subterrâneo por um buraco de tatu. Assim, Urubus e Pebas "separam", mas os primeiros conduzindo simbolicamente para cima, enquanto os segundos, para baixo. No livro, faço um exame mais detalhado desse par (MELATTI, 1978, pp. 296-300), chamando a atenção, entre outras coisas, para o fato de ambos os animais que dão nomes a esses grupos serem comedores de carniça e, ainda, para o contraste entre voar muito alto e cavar muito fundo.

Contrariamente aos membros do par anterior, que separam, temporariamente pelo menos, os que integram o primeiro componente do par Corujas/Raposas se caracterizam por serem separadores definitivos, tal como a grande Coruja degoladora que, no mito, separa, pela morte, o indivíduo de seu grupo. O grupo Coruja e outros personagens mítico-rituais que lhe são semelhantes, tais como *Konkó* (provavelmente Acauã), *Kaprí* (Garça) ou *Tomhók* (Jia), parecem representar aquelas pessoas reais que separam os indivíduos de seu grupo pela morte ou pela inclusão definitiva em outro grupo (MELATTI, 1978, pp. 322 e 342). Mas, o que representam as Raposas? Em meu livro não chego a uma conclusão. Uma observação de um indígena sugere uma certa identidade entre a raposa e o guará (MELATTI, 1978, pp. 277 e 322). Ora, num dos ritos Craôs, é um personagem chamado Guará que abre um buraco onde se deve levantar

---

[5] Um dos vários ritos ligados à iniciação dos jovens. Neste rito participam as metades e grupos da praça.

um mastro[6] em cujo cimo há muitos pedaços de carne amarrados (MELATTI, 1978, p. 307). Um outro momento do mesmo rito sugere uma identidade entre os personagens Guará e Seriema, pois ambos entram com um pedaço de carne na aldeia (MELATTI, 1978, p. 307). Isso me conduziu a comparar uma série de personagens míticos ou rituais que estão associados a um mastro, tais como: o Guará, ao mastro com pedaços de carne; as Seriemas míticas, aos mastros em cujo cimo colocaram pedaços da vulva de uma moça (que haviam obrigado a descer de uma árvore — também um mastro —, matando-a com seus assaltos sexuais), que se transformaram em casas de uma aldeia, habitadas por mulheres com as quais se casaram; a grande Coruja mítica, que ficava num buraco no alto de uma encosta — logo, um mastro — e que degola o herói *Akrêi,* cuja cabeça o irmão coloca num galho — também um mastro — e sugere que se transforme num ninho de arapuás (MELATTI, 1978, pp. 321-322); os *Konkó* (Acauãs), que descem de toras — mastros — para escolher aqueles que deverão encabeçar os destruidores de uma casa de marimbondos, que representam os inimigos. Enfim, são personagens ligados a um mastro e, vários deles, a uma transformação (de vivo em morto, de humano em animal, etc.). No livro, lembrei, também, que os animais que dão nomes a esses personagens podem engolir inteiros os pequenos bichos (insetos, cobras, lagartos, ratos, etc.) de que se alimentam (MELATTI, 1978, pp. 342-343), ainda que tal propriedade não se possa estender a todos os membros dessa possível classe e nem tenha sido explicitada pelos Craôs.

Resta o par Estranhos/Periquitos-estrelas. O nome do grupo *Kupên,* os Craôs o traduzem por "Civilizado", mas parece que abrange mais do que isso; preferi, então, a tradução "Estranho". Pela maneira de se comportarem no final do rito de *Khetuayê,* julguei ver nos Estranhos a representação de forasteiros. Por outro lado, o grupo Periquito-estrela parece representar aqueles que deixaram a comunidade, por incorporação a outra ou por morte nas mãos de inimigos (MELATTI, 1978, pp. 340-341). Essa interpretação do significado do grupo dos Periquitos-estrelas se apoia numa história que os Craôs contam para explicar porque os membros desse grupo são

---

6 Este mastro ou poste em que se penduram pedaços de carne de caça, chamado *watí,* faz parte do rito da investidura de um novo *wutú* (MELATTI, 1978, p. 307). *Wutú* é um menino associado às mulheres da aldeia ou uma menina associada aos homens adultos ou aos meninos da aldeia. Na casa onle mora um *wutu* os habitantes da aldeia entram e saem livremente, sobretudo, durante os ritos. Daqui por diante chamarei de mastro a qualquer pedestal (árvore, tora, penhasco) sobre o qual se coloque um personagem ritual ou mítico.

tão poucos. Dizem que, há muito tempo, durante a realização do rito de *Khetuayê*, os índios saíram para caçar, divididos em grupos da praça. Os Periquitos-estrelas foram surpreendidos pelos *Pukobyê* ou pelos *Krinkatí* e aniquilados. Os meninos que haviam recebido nomes pessoais dos homens Periquitos-estrelas foram, então, emplumados por membros de outros grupos da praça e a eles incorporados. Um homem, entretanto, de maneira que não foi esclarecida (seria um portador de nomes de mais de um grupo de praça?), guardou um nome pessoal dos Periquitos-estrelas e o transmitiu para meninos parentes seus. Por isso, ainda existem uns poucos Craôs pertencentes ao grupo dos periquitos-estrelas e todos eles portadores de um único nome pessoal: *Hawôt Krók Purupôk*. Curiosamente, numa outra história, *Purupôk* é o nome de um Craô que passou para uma tribo inimiga (Pukobyê) e morre lutando contra os Craôs. É ainda o nome, numa terceira narrativa, de um membro de uma tribo inimiga (Apanhamekhrá) que pede a seu amigo formal (*honpin*) — e pedidos de amigos formais são irrecusáveis — que suspenda a proteção que dava aos Mankhráre, uma subtribo Craô (MELATTI, 1974, pp. 27, 34 e 54). Em outras palavras, os Periquitos-estrelas são aqueles que abandonaram irreversivelmente os Craôs, passando para o mundo dos mortos ou bandeando para o inimigo. Sua redução aos poucos portadores de um só nome pessoal seria a maneira de marcar o lugar vazio deixado por aqueles que abandonaram a comunidade, aqueles que deixam o "nosso" grupo.[7]

Essa interpretação do significado dos grupos da praça se inspirou no que poderiam ter sido as relações entre o indivíduo e sua comu-

---

[7] No livro, suponho existir uma identificação entre o grupo da praça dos Periquitos e os porcos-queixadas do mito do homem que desceu ao mundo subterrâneo (MELATTI, 1978, pp. 301-302). É possível que a realização de futuras pesquisas etnográficas entre os Timbiras venha a nos permitir afirmar que Periquitos: Periquitos-estrelas: porcos-queixadas: caitetus. Isso é sugerido por um episódio do mito da festa na aldeia dos animais: o caitetu, que era pai da menina *wutú* (ver nota 6). indignado com a ocorrência de um assassinato, levou sua filha à praça e passou cinza nela, fazendo-a abandonar esse papel ritual. A mancha clara que os caitetus têm no pescoço, explicam os Craôs, é a cinza que o pai caitetu passou em sua filha (MELATTI, 1978, pp. 316-317). Ora, a menina caitetu, ao deixar de ser *wutú*, comporta-se como Periquito-estrela: abandona o seu comportamento de parente consangüíneo que mantém com todos os habitantes da aldeia. Além disso, o ato do pai da *wutú* faz com que todos os bichos se espalhem, desfazendo o grupo, comportando-se todos, pois, como Periquitos-estrelas. Existe um mito, que não anotei, no qual uma festa de animais é interrompida porque a *wutú*, uma mocinha periquito, é seduzida pelo chupão. Infelizmente, a informação não registra a espécie de periquito. Consta de uma outra informação, que enquanto o *wutú* dos bichos sem asa era o caitetu, o dos bichos com asa era o tiê-sangue (MELATTI, 1978, p. 317).

nidade num passado recente da vida Craô, sugerido por certas narrativas. De fato, num trabalho anterior (MELATTI, 1974), examinei doze narrativas tomadas dos índios Craôs (entre as quais, a que conta o aniquilamento do grupo dos Periquitos-estrelas), que estão a meio caminho entre o histórico e o mítico. Distinguem-se do mito por não conterem episódios em que os animais falem ou se transformem em seres humanos, em que os homens se transformem em animais, subam aos céus ou desçam ao mundo subterrâneo, em que seres celestes desçam à terra, instrumentos trabalhem sozinhos e objetos rituais cantem, também não relatam a origem dos homens, da agricultura, do fogo ou dos ritos, ao contrário do que acontece nas transcritas em "Lendas dos índios Krahó" (SCHULTZ, 1950). Mas se aproximam do mito na repetição de seqüências de episódios semelhantes que algumas delas apresentam. Por outro lado, mostram um caráter histórico, na medida que reproduzem um passado recente e verdadeiramente vivido: referência a lugares em que os Craôs moraram anteriormente, a técnicas não mais utilizadas, antigas preferências alimentares, alianças com fazendeiro contra outra tribo, detalhes sobre a maneira de combater, etc. Porém, o mais importante para o que está sendo aqui discutido é que todas essas narrativas tratam de conflitos. Refiro-me, não apenas a combates entre grupos pertencentes a facções, aldeias ou tribos distintas, mas, principalmente, ao conflito do indivíduo consigo mesmo ao ter de escolher entre a fidelidade a um ou outro indivíduo, a um ou outro grupo, a que está ligado por relações diferentes. Assim, numa das narrativas, o rapaz *Katamrík* se indispõe com sua irmã porque esta prefere guardar a carne para dá-la às *honpintxwôi* dele (uma relação altamente formal, recebida com o nome pessoal), do que lhe entregar a mesma para que fosse comê-la com o seu *ikhuonôn* (uma amizade mais espontânea). Noutra, dois rapazes também se indispõem com a irmã porque esta não lhes quer preparar a mandioca de certa maneira para eles, mas guardá-la para fazer um pastelão com carne para que eles comam junto com os filhos dela. Em ambas as narrativas, portanto, uma mulher tem de escolher entre dois tipos de relação. Em ambas, os irmãos, aborrecidos, se retiram da aldeia para encontrar a morte em outra (MELATTI, 1974, pp. 3-4 e 9). Em várias dessas narrativas há exemplos de indivíduos que não moram na sua aldeia de origem, mas sim em outra. No momento em que se produz uma desavença entre as duas aldeias, uns preferem ficar do lado da aldeia original e outros mantêm-se fiéis àquela em que moram. Em uma das narrativas é ilustrativo o exemplo de dois homens Pukobyê, que sobem um morro

para contemplar as cabanas de seus antigos companheiros de tribo que vinham atacar a aldeia Craô em que moravam: "Vamos, porque nosso povo está lá", diz um deles; "Não, não vamos não, nós já estamos aqui há muito tempo, há dez anos, nosso povo pode não nos conhecer é nós só ganhamos borduna" (isto é, bordunadas), responde o outro (MELATTI, 1974, p. 26). Enfim, essas narrativas põem em evidência que está sempre se colocando o problema da fidelidade a um ou a outro grupo, dos muitos a que cada Craô pertence, isto é, diante de determinados problemas, o indivíduo tem de escolher entre favorecer o grupo doméstico de origem ou aquele em que entrou pelo casamento, entre a aldeia em que nasceu e aquela em que mora, entre os irmãos e o cônjuge, entre os amigos espontâneos e os recebidos com o nome pessoal, entre os irmãos e os filhos, entre os desejos individuais e a vontade da comunidade.

A interpretação do significado dos grupos da praça que acima resumi tem muito a ver com essas opções de fidelidade do indivíduo diante dos grupos a que pertence. Assim, os Periquitos corresponderiam ao grupo doméstico de origem do indivíduo, ou à aldeia em que nasceu, ou à sua tribo, ou a qualquer outro grupo a que pertença originalmente. Quando um homem se casa e passa a morar no grupo doméstico do sogro, ou quando se muda de aldeia e mesmo quando se afasta mais ainda, estabelecendo-se entre os membros de outra tribo, ele é como que um Periquito entre os Gaviões, na medida em que não esquece o seu grupo de origem. Mas, se deixa de cumprir seus deveres para com o grupo do qual é originário, integrando-se ao novo totalmente, ele será como que um Periquito-estrela. Voltando ao exemplo dos dois Pukobyê, ao decidirem permanecer com os Crôs no momento em que o choque entre as duas tribos estava iminente, seu comportamento pode ser caracterizado como de Periquitos-estrelas, se considerado do ponto de vista dos demais Pukobyê, que os dois abandonaram definitivamente. Porém, do ponto de vista dos Craôs, que os incorporaram, eles são como que Estranhos. Mas o processo de incorporação de um indivíduo a um outro grupo pode ficar a meio caminho ou retroceder. Uma outra narrativa oferece um exemplo dessa situação. Conta que *Tomkaté,* um líder Apanhamekhrá, convida os Mankhráre, uma subtribo Craô, para visitar sua aldeia, a fim de ajudarem a consumir um pretenso excedente agrícola, mas, na verdade, com o fito de massacrá-los. Em meio às primeiras provocações, *Tut, um dos filhos de Tomkaté,* se envolve num caso amoroso com uma moça dos Mankhráre. Estes, então, o aclamam "chefe honorário". Cumprindo as obrigações ligadas a esta honraria, isto é, defendendo os interesses do grupo que

o aclamou, *Tut* passa a proteger os Mankhráre contra as ciladas que lhes preparam os Apanhamekhrá. Até que *Purupôk,* amigo formal de *Tut,* lhe pede que suspenda a proteção aos Mankhráre, um episódio a que já me referi (MELATTI, 1974, pp. 33-35). *Tut,* como "chefe honorário", estava com sua fidelidade dividida entre sua tribo de origem e a tribo que o aclamou. O pedido de seu "amigo formal" o obrigou a abandonar a segunda. Portanto, *Purupôk,* do ponto de vista Apanhamekhrá, agiu como Raposa, mas da perspectiva Mankhráre, seu comportamento é de Coruja. A moça que atraiu *Tut* de modo temporário para os Mankhráre agiu como Peba com referência a estes, mas cmoo Urubu com referência aos Apanhamekhrá.

Sem dúvida, os argumentos me parecem mais convincentes, no livro (MELATTI, 1978), no que tange aos pares Gaviões|Periquitos e Urubus|Pebas. No que se refere aos dois outros pares, são poucos os elementos no comportamento e nas características rituais dos grupos que fundamentam minha interpretação. Por exemplo, os membros do grupo Coruja em nenhum momento se comportam ritualmente como se estivessem querendo atrair ou aniquilar membros da comunidade. Além disso, os indivíduos que representam personagens rituais semelhantes aos Corujas (Acauãs, por exemplo) somente em poucos casos são membros desse grupo da praça. Dos oito grupos da praça, as Raposas constituem o mais obscuro, havendo apenas indícios de sua relação com o personagem Guará, que, por sua vez, está associado ao mastro. Se considerei as Raposas como aqueles que incorporam os Estranhos ao "nosso" grupo, foi apenas para acompanhar o que sugerem as simetrias das Figuras n.º 2 e n.º 3, uma vez que Raposas se opõem a Corujas.

b) Os Grupos da Praça entre os Ramkhokhamekhrá

Como já disse, entre os Ramkhokhamekhrá os grupos da praça são apenas seis: *Autxêt* (Peba), *Khedré* (Periquito), *Kupên* (Estranho), na metade ocidental; e *Hoká* (Jibóia), *Txeprê* (Morcego), *Txôn* (Urubu), na oriental. Suas posições na praça da aldeia estão indicadas na Figura n.º 4. Salvo engano, esses grupos nunca se enfrentam, dois a dois, nas corridas de toras, mas sim, as metades que os englobam (NIMUENDAJU, 1946, p. 140).

Além de serem em número diferente, seus nomes não coincidem inteiramente com os dos Craôs. Os grupos que têm os mesmos nomes (Periquitos, Estranhos, Urubus e Pebas) também apresentam, salvo um caso (Pebas), aproximadamente, as mesmas posições na praça. À primeira vista, não se podem construir pares de grupos, como

fiz com os Craôs. Assim, os Pebas, que entre os Craôs são contíguos aos Urubus, na praça Ramkhokhamekhrá lhes ficam diametralmente opostos. Isso nos conduz a averiguar se os demais grupos também formam pares, cada um com o seu oposto no outro extremo do mesmo diâmetro.

Entre os Craôs, são os Gaviões que formam par com os Periquitos; na praça Ramkhokhamekhrá são os Morcegos que se opõem diametralmente aos Periquitos. Haverá uma equivalência entre Morcegos e Gaviões? Ora, o morcego é alado, tal como a maioria dos animais que dão nomes às metades e ao grupo da praça que, entre os Craôs, representam os "outros"; também chupa sangue, o que o aproxima dos animias que dão picadas (abelha, muriçoca) ou são carnívoros (gaviões). Um outro indício da equivalência entre os Morcegos (dos Ramkhokhamekhrá) e os Gaviões (dos Craôs), ainda que mais complexo, é a participação daqueles no rito de *Tepyarkwá*. Segundo Nimuendaju (1946, p. 225), entre os Ramkhokhamekhrá são os grupos da praça que participam, com outros nomes, nesse rito. Ele não deixa claro se os grupos do *Tepyarkwá* correspondem aos grupos da praça por ocuparem as mesmas posições espaciais ou por terem os mesmos membros, mas parece estar afirmando ambas as coisas. Declara que os Morcegos fazem as vezes das Lontras no *Tepyarkwá* (NIMUENDAJU, 1946, p. 225), ainda que pareça estar em contradição com o que afirma páginas atrás (p. 90), quando diz que os Peixes são "recrutados dos seis grupos da praça, entre os quais os Morcegos são conspícuos". Mas, o curioso é que o rito dos Ramkhokhamekhrá parece inverter certas posições do *Tepyarkwá* dos Craôs. De fato, entre os Craôs, os Peixes são equivalentes das metades com nomes de animais alados (Gaviões, Muriçocas, Abelhas), enquanto as Lontras o são das metades opostas àquelas. Ora, no rito Ramkhokhamekhrá as Lontras têm apenas uma moça associada, enquanto os outros grupos têm duas cada (NIMUENDAJU, 1946, p. 226), o que inverte o que acontece entre os Craôs. Além disso, entre os Ramkhokhamekhrá, os Peixes se associam ao ocidente e as Lontras, ao oriente, o que também constitui uma inversão do esquema Craô. Em resumo, entre os Ramkhokhamekhrá, temos Morcegos = Lontras; entre os Craôs, Gaviões = Peixes; como os Peixes dos Craôs se comportam como as Lontras dos Ramkhokhamekhrá, temos Morcegos (dos Ramkhokhamekhrá) = Gaviões (dos Craôs). Logo, é possível dizer que os Periquitos formam um par com os Morcegos na praça Ramkhokhamekhrá.

Restam as Jibóias e os Estranhos. Como a jibóia engole inteiros pequenos animais, ela parece corresponder aos personagens ligados

ao mastro. Logo, os Jibóias correspondem às Corujas ou às Raposas dos Craôs. Isso cria duas dificuldades: em primeiro lugar, decidir se correspondem às Corujas ou às Raposas; inclino-me pela primeira alternativa, uma vez que as cobras, tal como os peixes, por não terem pernas, assemelham-se aos gaviões, que têm pernas curtas e correm pouco, para usar um argumento Craô (MELATTI, 1978, p. 91), e os gaviões dão nomes a grupos que representam os "outros". A segunda dificuldade decorre da resolução da primeira: se as Jibóias equivalem às Corujas, como opô-las aos Estranhos, que constituem o único grupo que sobra? Acontece, simplesmente, que os Ramkhokhamekhrá não dispõem de um grupo equivalente das Raposas a que opor as Jibóias e nem de um equivalente dos Periquitos-estrelas a que opor os Estranhos. Mas a proposta de um par Jibóias|Estranhos parece, pelo menos, apoiada por certas semelhanças entre seus componentes. Já sugeri (MELATTI, 1978, pp. 340-341) que, entre os Craôs, o grupo Estranho se comporta de maneira algo similar aõs *Mekhên* (Palhaços), aqueles personagens que fazem coisas erradas nos ritos, a partir do próprio uso dos ornamentos. Ora, numa figura no livro de Nimuendaju (1946, p. 89), que mostra os desenhos usados na pintura de corpo dos membros dos grupos da praça Ramkhokhamekhrá, nota-se que o dos Estranhos é o menos regular, ou melhor, não apresenta simetria no sentido vertical. Na mesma página, diz Nimuendaju que os desenhos das Jibóias são os que apresentam maior variabilidade individual. Essa maneira menos rígida de se ornamentar torna ambos os grupos vagamente semelhantes aos Palhaços dos Craôs. Ora, entre os Ramkhokhamekhrá, os Palhaços são Aves Aquáticas (NIMUENDAJU, 1946, p. 95) e, no *Tepyarkwá,* usam bicos de aves feitos em madeira (NIMUENDAJU, 1946, pp. 229-230). Entre os Craôs, o bico de madeira é usado, no mesmo rito, pelo personagem Garça (MELATTI, 1978, p. 264); em outros ritos, é empunhado pelo personagem Seriema (MELATTI, 1978, p. 323). Através dessa cadeia de semelhanças, é possível dizer que o par Jibóias|Estranhos tem algo a ver com personagens ligados ao mastro, tal com a Garça e a Seriema (MELATTI, 1978, p. 342). Na verdade, esse par é como que uma condensação dos pares Craôs Corujas/Raposas e Estranhos/Periquitos-estrelas, em que o segundo termo de cada oposição foi eliminado, passando a se oporem os dois restantes.

Os pares obtidos pela discussão acima estão indicados na Figura n.º 5.

c) *Os Grupos da Praça entre os Krinkatí*

Em sua tese de doutoramento, Jean Carter Lave diz que os grupos da praça dos Krinkatí (e Pukobyê) são os seguintes (LAVE, 1967, pp. 177-178): *KokrUn* (um tipo de abelha), *Kidre* (Periquito), *PodlE* (Tamanduá), *ChotE* (Raposa), na metade do noroeste; *Kanung* (termo genérico para cobra), *KOnkã* (um pássaro), *MUtE* (Ema), *ChiptE* (Morcego), na metade do sudeste. Mantive a grafia da Autora, porque ela não dá ao leitor a chave das convenções que adotou e devido à forma bastante distinta que tomam alguns nomes frente a seus correspondentes Craôs.[8] Na grafia que estou adotando aqui e no dialeto Craô eles seriam, respectivamente: *Kukhrán* (Arapuá), *Khedré* (Periquito), *Podré* (Mambira, Mirola ou Tamanduá-mirim), *Txotí* (Raposa), *Kaqnán* (Cobra), *Konkó* (pássaro que os Craôs chamam, em português, de "Coã" e que deve ser o Acauã), *Mantí* (Ema) e *Txeptí* (Morcego). A identificação do Acauã é a mais sujeita a retificação. A posição desses grupos na praça está indicada na Figura n.º 6, onde também se mostram os grupos rivais em corridas de toras (sempre de metades opostas) e os que, em certas ocasiões, trocam entre si paparutos (pastelões de mandioca e carne) cerimoniais (sempre dentro da mesma metade).

A primeira coisa que se nota é que há somente três grupos da praça Krinkatí que têm nomes iguais aos de grupos das duas tribos já examinadas: Periquitos (tanto entre os Craôs como entre os Ramkhokhamekhrá), Raposas (entre os Craôs) e Morcegos (entre os Ramkhokhamekhrá).

O segundo aspecto digno de nota é que o esquema Krinkatí dos grupos que disputam corridas de toras constitui pares quase diametrais que lembram, pelo menos na forma, o esquema a que cheguei após comentar os grupos Ramkhokhamekhrá (Figura n.º 5), enquanto que os grupos que trocam paparutos são quase contíguos, lembrando o esquema que pude construir após comentar os grupos Craôs (Figura n.º 2).

Partindo do conhecido para o desconhecido, pode-se dizer que o par Morcegos/Periquitos, cujos membros se opõem em corridas de toras entre os Krinkatí, já nos é familiar e vem a ser equivalente ao par formado pelos grupos com os mesmos nomes entre os Ramkhokhamekhrá e ao par Gaviões|Periquitos dos Craôs.

As Raposas também já nos são conhecidas, pois me detive em grupo Craô do mesmo nome. Entretanto, foi aquele que se mostrou

---

[8] A Autora também apresenta esses grupos em LAVE, 1979, pp. 28-29.

mais opaco a uma busca de significados. Entre os Krinkatí, as Raposas se opõem na corrida de toras aos Acauãs. Ora, o Acauã é um personagem de um rito Craô cujo comportamento parece identificá-lo com as Corujas, ainda que o ator que desempenha aquele papel não tenha de pertencer a este grupo. Por conseguinte, o par Acauãs/Raposas dos Krinkatí corresponderia ao Corujas/Raposas dos Craôs.

As Cobras dos Krinkatí, parecem corresponder às Jibóias dos Ramkhokhamekhrá, simplesmente, porque a jibóia é uma cobra. Linhas atrás, sugeri uma correspondência entre as Jibóias e os personagens ligados ao mastro e, mais especificamente, uma identificação com o grupo das Corujas dos Craôs. Mas, entre os Krinkatí, as Cobras não se opõem diretamente às Raposas, como seria de se esperar, a partir da citada identificação; elas são rivais dos Tamanduás-mirins nas corridas de toras. Dois mitos Timbiras poderão ser utilizados na busca do significado deste último grupo, desde que se ignore a distinção entre as espécies tamanduá-mirim e tamanduá-bandeira, uma vez que, pelo menos no dialeto Craô, os nomes de ambas são constituídos pela mesma raiz (*pót*), seguida da partícula do diminutivo para o primeiro (*podré*) e da indicadora do aumentativo para o segundo (*potí*). Em ambos os mitos, nota-se uma associação do tamanduá com o mastro. Conta um desses mitos, colhido por Harald Schultz entre os Craôs, que uma velha convidou os meninos para comer puçás. Ao chegarem aos puçazeiros, os meninos treparam nos mesmos e começaram a comer as frutas, sem dar ouvidos à velha, que lhes pedia para sacudi-los. A velha apanhava e comia as frutas do chão. Quando os meninos acabaram de comer, começaram a atirar puçás verdes e depois se transformaram em periquitos e foram embora, apesar dos apelos da velha para que voltassem. A velha, que quase não tinha dentes, virou então tamanduá-bandeira, saiu cavoucando os cupinzeiros e entrou no mato (SCHULTZ, 1950, p. 169). Infelizmente, essa versão não indica a espécie de periquito em que os meninos se transforamaram. Nela, o tamanduá representa uma pessoa de idade que é abandonada pelos seus, mais novos. O outro mito é muito mais extenso: é aquele dos dois heróis, *Kenkunân* e *Akrêi,* que lutam contra o grande Gavião e a grande Coruja, que dizimava os homens. Versões Craôs desse mito estão publicadas por Schultz (1950, pp. 93-114) e por mim (MELATTI, 1978, pp. 205-209). Nimuendaju publicou uma versão Apinajé (1956, pp. 128-131) e uma Ramkhokhamekhrá (1946, pp. 179-181). De todas as versões citadas, é a última a única que mostra a

transformação dos avós maternos daqueles heróis em tamanduás. É digno de nota que esse casal de velhos é abandonado, de modo definitivo, por várias vezes. Primeiro, pela filha e o genro, devorados pelo grande Gavião. Depois, pelos habitantes da aldeia, que se mudam de local; aliás, nas duas versões Craôs, eles fogem para o céu, através de uma escada improvisada, que depois derrubam. Os velhos e seus dois netos, *Kenkunân* e *Akrêi,* ainda meninos, chegam atrasados e não podem mais subir. São Também abandonados temporariamente, quando os netos resolvem passar uns tempos sobre um ribeirão, para crescerem e poderem matar o grande Gavião, vingando seus pais; criam, assim, um dos ritos de iniciação dos Timbiras. Mais tarde, *Akrêi* abandona os avós, ao ser morto pela grande Coruja. Depois é o neto sobrevivente que os abandona, ao sair à procura dos habitantes da aldeia, que os haviam deixado (o que também acontece na versão Apinajé, onde o sobrevivente é *Akrêi;* nas versões Craôs, *Kenkunân* se dirige para uma tribo estranha). O casal de velhos, definitivamente abandonado por todos, se transforma em tamanduás. Aliás, há ainda mais um abandonamento: o velho, já sob a forma de tamanduá, é abatido por caçadores, deixando sua esposa, também metamorfoseada, completamente sozinha. Portanto, Tamanduá parece ser um personagem que representa os abandonados pelos seus; mas, também deve representar aqueles que iniciam os jovens, uma vez que os avós de *Kenkunán* e *Akrêi,* tal como os Timbiras velhos da atualidade, é que cuidaram dos jovens em reclusão.[9] Essa relação com a iniciação mostra que o Tamanduá representa aqueles que tentam atrair para o "nosso" grupo, ainda que, nos mitos, fracasse nessa tarefa. Se assim é, os Tamanduás agiriam de modo semelhante às Raposas, que atrairiam para dentro, tal como sugeri na Figura n.º 3. Há um personagem chamado Raposa, que aparece, fugazmente, num dos ritos de iniciação dos Ramkhokhamekhrá, apanhando, nos locais onde foram assadas batatas-doces para os reclusos, aquelas deixadas, propositalmente, para ele. Quando Nimuendaju (1946, p. 183) viu

---

[9] Um breve mito recolhido por Lux Vidal entre os Xikrín relata o estranho hábito de um rapazinho, que recolhia as folhas sobre as quais os casais se deitavam para ter relações sexuais e as amarrava num pau na praça da aldeia (VIDAL, 1977, p. 219). O rapazinho se chamava *Potí,* o que talvez, considerando-se a proximidade entre as línguas Caiapó e Timbira, signifique "tamanduá". Provavelmente, o pau em que amarrava as folhas estava de pé, como um mastro. Mas *Potí* não é velho, nem um iniciador, é um *menbengodjú,* isto é, ainda não foi introduzido na casa dos homens e nem iniciado (VIDAL, 1977, pp. 117-121).

esse rito, o homem que representava a Raposa era um velho. Seria esse personagem sempre representado por um velho (que receberia as batatas como uma ajuda da aldeia)? Se assim for, teremos aí mais uma semelhança entre a Raposa e o Tamnduá. Suponho, pois, que as Raposas e os Tamanduás-mirins, da praça Krinkatí, constituam como que desdobramentos de uma única categoria, acontecendo o mesmo com seus rivais na corrida de toras, Acauãs e Cobras, constituindo, assim, a oposição Raposas-Tamanduás-mirins/Acauãs-Cobras.

Restam, na praça Krinkatí, os grupos das Emas e das Arapuás. À primeira vista, a ema, como animal que corre muito, tal como o notam os Craôs (MELATTI, 1978, p. 314), poderia estar dando nome ao que representaria "nosso grupo", enquanto a arapuá, uma abelha, animal alado e agressivo, ao que representaria os "outros". Semelhantemente ao desdobramento a que cheguei acima, haveria a oposição Emas-Periquitos/Arapuás-Morcegos. Além disso, a ema, entre os Krinkatí, está associada à metade *Khoikateyê*, opondo-se ao jaboti, que se liga à metade *Harankateyê* (LAVE, 1967, p. 304 e 1979, p. 26), parecendo haver aí uma oposição entre o rápido e o lento, ainda que Jean Carter Lave não pareça ter explorado essa possibilidade. Entretanto, segundo uma informação Craô, quando alguém sonha que está mantendo relações sexuais com mulher indígena, é sinal de que um veado será abatido; mas se sonha com mulher civilizada, o resultado da caçada será uma ema, pois esta é emplumada, "vestida", como a mulher civilizada. É possível, por conseguinte, equiparar as Emas dos Krinkatí, aos Estranhos dos Craôs e dos Ramkhokhamekhrá. Por outro lado, as Arapuás têm o mesmo nome das abelhas em que *Kenkunân* sugeriu que a cabeça de *Akrêi* se transformasse, quando este abandonou os seus (os avós maternos e o irmão), através da morte, degolado pela grande Coruja. Assim, as Arapuás se identificariam com os Periquitos-estrelas dos Craôs. Em suma, a oposição Emas/Arapuás dos Krinkatí, corresponde à oposição Estranhos/Periquitos-estrelas dos Craôs.

As oposições na praça Krinkatí, acima obtidas, podem ser indicadas como na Figura n.º 7.

O quadro da Figura n.º 8 mostra que, entre os Krinkatí, faltam os grupos correspondentes aos Urubus e Pebas, havendo, por outro lado, dois grupos correspondentes a cada membro do par Corujas/Raposas. Por sua vez, o par Jibóias/Estranhos dos Ramkhokhamekhrá é constituído por grupos que correspondem, cada qual, a membros de pares distintos nas outras duas tribos.

Os nomes dos grupos da praça nas tribos Timbiras parecem estar ligados a uma classificação de animais. Há indícios de que tal classificação se manifesta em outras áreas da cultura Timbira, como, por exemplo, a dos presságios, os quais foram objeto de um interessante estudo de Roberto da Matta (1971), no que se refere aos Apinajés.

Dos presságios arrolados no referido trabalho, interessam-me aqui apenas aqueles que permitam colocar o animal que serve de sinal para um acontecimento futuro numa categoria menos geral do que a classe, da taxonomia dos zoólogos. É o caso da lista de treze presságios que figura nas páginas 82-83. São eles:

1. Se um pássaro (qualquer que seja) entra numa casa e morre quando é apanhado, um parente daquele que o apanhou deverá morrer.
2. Se a ave chamada na região "mãe da Lua" (*pekanré*) canta com insistência perto de uma casa ou de uma pessoa, *idem.*
3. Se uma coruja (*totóle*) grita e salta de um modo característico sobre o terreiro ou sobre o teto de uma casa, *idem.*
4. Se um urubu (*djôine*) entra numa casa e não sai mais, *idem.*
5. Se um anu (*póre*) começa a cantar durante a noite (numa hora indevida) perto de uma casa, *idem.*
6. Se uma arara (*bâne*) ou um papagaio (*krúi*) cantam durante a noite, *idem.*
7. Se um pica-pau (*djoiré*) canta de dia perto de uma aldeia, *idem.*
8. Se o filhote de um periquito ou de um papagaio morre perto de alguém ou entre suas mãos, uma criança morrerá.
9. Se alguém acha um sapo (*priti*), à margem do caminho e se ele olha o viajante baixando os olhos, o homem (ou a mulher) ficará viúvo (ou viúva).
10. Se alguém pressente que um tapir (*kukrúti*) se aproxima muito da aldeia, esta será devastada por uma epidemia e muitos indígenas morrerão.
11. Se um guará (*pu*) ladra várias vezes perto da aldeia, um noviço (*pêmb*) morrerá.

12. Se um morcego (*dyêb*) morre numa casa sem motivo conhecido, um parente vai morrer.

13. Se um rato (*amdjô*) morre perto de uma pessoa ou se ele é encontrado morto sobre um caminho, uma criança morrerá.

Desses treze, excluo o primeiro, porque alude, simplesmente, a um pássaro qualquer. Nota-se, então, curiosamente, que em sete dos doze presságios restantes são atos de animais que poderiam ser incluídos nas possíveis classes das Corujas ou das Raposas que anunciam a morte de um parente: mãe-da-lua, coruja, anu, pica-pau, sapo, tapir, guará (itens 2, 3, 5, 7, 9, 10 e 11, respectivamente).

De fato, já falei da id^ntificação do guará com a raposa. Quanto à mãe-da-lua, é um animal de boca descomunal, em relação a seu tamanho, caçador de insetos, engolindo, pois, inteiros os animais que apanha, assemelhando-se, assim, a boa parte daqueles que dão nomes a personagens míticos-rituais similares aos membros do par Corujas/Raposas. O anu é um caçador de carrapatos que costuma pousar sobre as costas do boi para apanhá-los, tal como faz o Gavião-carrapateiro, que dá nome a um personagem ritual Craô, semelhante aos membros do par Corujas/Raposas (MELATTI, 1978, p. 343). Já o pica-pau dá nome ao personagem mítico que tenta derrubar o pé-do-céu, o que, se chega a ocorrer, destrói o mundo (MELATTI, 1978, p. 96). Por sua vez, o sapo, sendo um batráquio, lembra o personagem Jia,[10] que, num rito Craô, convida a aldeia para quebrar uma casa de marimbondos, que representam os inimigos. Finalmente, o tapir dá nome a um personagem mítico que seduz uma mulher, sendo ambos mortos pelo marido ofendido (SCHULTZ, 1950, pp. 153-

[10] É curioso notar que *Tomhók*, que entre os Craôs é traduzido como Jia, um batráquio, entre os Ramkhokhamekhrá vem a ser o Urubu-rei, nome atribuído aos chefes-honorários (NIMUENDAJU, 1946, pp. 98-100), indivíduos pertencentes a uma comunidade, mas que representam outra. Assim, *Tomhók* daria nomes a personagens opostos: entre os Craôs, àquele que conduz para fora; entre os Ramkhokhamekhrá, àquele que é conduzido para dentro (pela comunidade que o escolhe) ou para fora (do ponto de vista de sua comunidade de origem). Essa é mais uma inversão que aponto entre os ritos Craôs e os Ramkhokhamekhrá, tendo-me referido anteriormente às inversões no *Tepyarkwá*. Posso apontar mais uma: no rito de *Pembkahók* dos Ramkhokhamekhrá os reclusos ajudam os membros da associação dos Gaviões, inclusive na corrida de toras (NIMENDAJU, 1946, pp. 140 e 214), enquanto que entre os Craôs se põem contra a metade dos Gaviões ou equivalente (MELATTI, 1978, p. 246). Uma comparação mais atenta dos ritos de uma e de outra tribo pode apontar outras inversões.

155). O tapir sedutor esperava a amante junto aos buritizeiros — logo, mastros. Há, também, um breve mito Craô, citado por Manuela Carneiro da Cunha (1978, p. 87), que conta como o tapir foi buscar fogo para queimar um índio que fazia caça de espera em cima de uma árvore e como aquele, ao persegui-lo, foi detido pelos gritos dos sapos (*prokayeré*), que eram amigos formais do animal perseguidor. Esse mito, do qual também colhi uma versão (em que os sapos são chamados de *proré*), não publicada, também associa o tapir ao mastro e ao fogo, como o pica-pau, além de ligá-lo ao sapo, já visto como animal passível de ser incluído nas classes das Corujas ou Raposas. A associação do tapir com o fogo também está muito clara na versão Apinajé da origem do fogo, em que é um tapir que carrega o tronco de jatobá aceso, da casa da onça para a aldeia dos homens (NIMUENDAJU, 1956, pp. 119-120). Curiosamente, na versão Ramkhokhamekhrá do mesmo mito é um sapo que, após terem os homens retirado o fogo da casa da onça, cospe sobre as brasas que restam, apagando-as (NIMUENDAJU, 1946, p. 243). Ainda com relação ao sapo, disponho de uma versão de um mito Craô, ainda não publicada, em que um grande sapo (*protí*) decepa, na altura da cintura, um homem que tinguijava uma lagoa. O homem abandona a parte inferior de seu corpo, e começa a andar sobre as mãos, transformando-se, assim no monstro *Hitokré*, que passou a fazer as mulheres caírem de susto do alto das bacabeiras. O homem cortado pelo sapo bem lembra o degolamento do herói *Akrêi* pela grande Coruja. Em ambos os casos, a parte inferior do corpo mutilado torna-se inerte, enquanto a superior continua viva, mas transformada em um ser ou seres que estão fora da comunidade ou até contra ela.

Seria de se esperar que os citados animais que anunciam a morte de membros de "nosso" grupo estivessem todos incluídos na possível classe das Corujas, que representariam os que atraem para fora. Mas alguns desses animais se colocariam na classe oposta, das Raposas, que atraem para dentro. É o caso do guará, que anuncia a morte de um *pemb*, isto é, jovem em final de iniciação ou recém-iniciado. O presságio do guará seria, então, uma inversão: um animal que representa os que atraem para dentro a anunciar uma atração para fora, a morte. Por outro lado, esse presságio reforça a associação que suponho ter encontrado entre a possível classe das Raposas e a iniciação. Como os Timbiras associam a iniciação, a julgar pelo mito de *Kenkunân* e *Akrêi*, ao preparo para a vingança e a luta contra os inimigos, isso nos permite compreender o significado do presságio Craô, segundo o qual os repetidos gritos de uma raposa

próximos à aldeia anunciam que esta será atacada por índios inimigos. Esse presságio também se relaciona ao costume Craô de gritar como raposa, ao se aproximar de uma aldeia para a qual se leva a notícia de um homicídio.

Quanto aos outros cinco presságios Apinajés, um deles toma como sinal da morte a presença de um urubu dentro de casa, muito embora os animais incluídos na possível classe dos Urubus representem aqueles que separam apenas temporariamente. A morte de filhotes de periquito ou de papagaio, que constitui outros desses presságios, talvez faça sentido como agouro pelo fato de poderem esses animais serem incluídos na possível classe dos Periquitos, que representam "nosso" grupo. O presságio que toma como indício a morte de um rato talvez se explique pela inclusão desses animais na mesma classe. Já o presságio que toma como sinal a morte de um morcego para anunciar a morte de um parente só pode ser considerado uma inversão, uma vez que a possível classe dos Morcegos representa os "outros". Inversão também caracterizaria o presságio baseado no grito fora de hora de uma arara ou papagaio, devido à possibilidade de inclusão desses animais na classe dos Periquitos, ainda que, nesse caso, a base do presságio possa estar no caráter intempestivo da manifestação desses animais.

Falar de presságios que mantém com acontecimentos futuros uma relação direta e de outros que se relacionam de modo inverso pode parecer, à primeira vista, manipulação do pesquisador em favor de idéias preconcebidas. No entanto, se a inversão é usada aqui como recurso de explicação, é porque ela ocorre no próprio nível dos dados etnográficos. Por exemplo, há um presságio Apinajé, segundo o qual, sonhar com corrida de toras é sinal de que se vai levar um morto para o cemitério (MATTA, 1971, p. 90). Ora, os Craôs admitem que sonhar com corrida de toras é prenúncio de bom êxito na caçada. Assim, diante do mesmo sonho — correr com toras, que é carregar peso para dentro da aldeia —, o Craô o interpreta no sentido direto — trazer um peso (caça) para dentro da aldeia — e o Apinajé, no sentido inverso — levar um peso (cadáver) para fora da aldeia. Esse exemplo nos conduz a outro, em que a inversão está menos evidente: para os Apinajés, sonhar com um velho é sinal de que se vai matar ema (MATTA, 1971, p. 91); mas, para os Craôs, significa que se vai matar tamanduá. Ambas as previsões são de bom sucesso na caçada, mas os animais são de classes que podem ser colocadas em oposição: ema (da possível classe dos Estranhos) e tamanduá (da possível classe das Raposas). Esta explicação, possivelmente, inverte a de Roberto da Matta, que, co-

mentando o presságio na sua forma Apinajé, relaciona, diretamente, ema com velho.

Uma vez que, na discussão de certos presságios Apinajés, comparei-os com presságios Craôs, convém indicar outros exemplos conhecidos desses últimos, nos quais os animais sejam especificados. Manuela Carneiro da Cunha (1978, p. 18) cita três (além de um outro que toma o peixe morto como sinal e que deixo de lado, uma vez que não coloca o animal numa categoria menos abrangente que a classe zoológica): a visão de uma jibóia viva prenuncia a morte de parentes; o grito do *txaktxakti* ou de uma coruja atrás da casa ou a entrada desta última na mesma é sinal de que um de seus moradores morrerá. Ora, a jibóia e a coruja fazem parte, como já foi visto, da possível classe das Corujas. Quanto ao *txaktxakti*, não sei de que animal se trata, mas foi descrito para a citada Autora como sendo "uma mucura que não fede". É curioso notar como no mito da mulher-estrela, na versão Ramkhokhamekhrá (NIMUENDAJU, 1946, p. 245), um menino se transforma em velho por comer carne de mucura, enquanto que, para os Craôs, as primeiras carnes que um homem pode comer depois do nascimento de um filho são as de boi, anta, tamanduá-bandeira e tamanduá-mirim, pois, se comer de outras, ficará com cabelos brancos (logo, um velho precoce). Assim a mucura e, por semelhança, a "mucura que não fede", parecem ter algo a ver com os animais associados ao mastro. Minhas observações junto aos Craôs registram, também, os gritos do acauã perto da aldeia como prenunciadores de febre, catarro e gripe, portanto, de perigo de vida. O acauã, como já foi visto, se inclui na possível classe das Corujas.

Enfim, os animais que anunciam a morte nos presságios Apinajés e Craôs são, na sua grande maioria, pertencentes às possíveis classes que formam a oposição Corujas/Raposas.

IV — Considerações Finais

Muito pouco se pode concluir de tudo o que foi dito. Parece ter ficado evidente que há uma classificação de personagens mítico-rituais e que esta se relaciona a uma de animais. Mas é impossível reconstituí-las com os dados disponíveis. Portanto, menos do que propor algo conclusivo, o que posso fazer é sugerir o aprofundamento da pesquisa etnográfica sobre o tema entre os Timbiras.

Num trabalho de campo destinado a descobrir a classificação dos animais, segundo os Timbiras, muito provavelmente, se eviden-

ciarão critérios como alados/quadrúpedes, de penas/de pêlo, rápidos/vagarosos, noturnos/diurnos, vegetarianos/carnívoros, que comem cru/que comem podre, da floresta/do cerrado, etc. Mas não estou em condições de prever como todos esses critérios poderão se acomodar numa única classificação de arranjo ou se mais de uma poderão ser descobertas. Por outro lado, deverá ser averiguada a existência de uma classificação dos indivíduos, segundo suas relações com o grupo, o qual se apresenta sob várias formas: como tribo, aldeia, grupo doméstico, parentes consangüíneos, etc. Normalmente, pelo menos dois grupos do mesmo nível estarão sempre em confronto, pois o indivíduo, se deixa um grupo doméstico, é para viver noutro; se deixa os vivos, é para estar entre os mortos, etc. Uma vez conseguida uma classificação de animais e obtida uma classificação de indivíduos, segundo sua fidelidade ao grupo, poder-se-á chegar, pela combinação das duas, a uma classificação dos personagens mítico-rituais, ou seja, a partir de duas classificações de arranjo, procurar uma codificante, para usar a distinção muito bem clarificada por Taylor (1977).

BIBLIOGRAFIA

CARNEIRO DA CUNHA, Manuela. *Os mortos e os outros: uma análise do do sistema funerário e da noção de pessoa entre os índios Crahô*. São Paulo: HUCITEC, 1978.

LAVE, Jean Carter. *Social taxonomy among the Krikati (Jê) of Central Brazil*. Cambridge: tese de doutoramento apresentada a Harvard University (mimeo.), 1967.

————. *Cycles and trends in Krikati naming practices*. In MAYBURY-LEWIS, 1979, pp. 16-44, 1979.

MATTA, Roberto da. "Les présages Apinayé". In *Échanges et communications mélanges offerts à Claude Lévi-Strauss à l'occasion de son 60ème anniversaire*. Org. por J. Pouillon e P. Maranda. Haia: Mouton. pp. 77-79, 1971.

MAYBURY-LEWIS, David (org.). *Dialectical societies: the Gê and Bororo of Central Brazil*. Cambridge (Mass.) e Londres: Harvard University Press, 1979.

MELATTI, Julio Cezar. *Reflexões sobre algumas narrativas Krahó*. Brasília: FUB, Departamento de Ciências Sociais (Trabalhos de Ciências Sociais, Série Antropologia, 8), 1974.

————. "Corrida de toras". *Revista de Atualidade Indígena*, n.º 1. Brasília: FUNAI. p. 38-45, 1976.

————. *Ritos de uma tribo Timbira*. São Paulo: Ática, 1978.

————. "Como escrever palavras indígenas?" *Revista de Atualidade Indígena*, n.º 16. Brasília: FUNAI. pp. 9-15, 1979a.

————. *À procura de uma classificação dos personagens mítico-rituais Timbiras*. Brasília: FUB, Departamento de Ciências Sociais. (Trabalhos de Ciências Sociais, Série Antropologia, 24), 1979b.

NIMUENDAJU, Curt. *The Eastern Timbira*. Berkeley and Los Angeles: University of California Press (University of California Publication in American Archaeology and Ethnology, 41), 1946.

————. "Os Apinayé". Belém: *Boletim do Museu Paraense Emilio Goeldi*, tomo 12, pp. iii-xiii e 1-146, 1956.

SCHULTZ, Harald. "Lendas dos índios Krahó". São Paulo: *Revista do Museu Paulista*, Nova Série, vol. 4, pp. 49-164, 1950.

TAYLOR, Kenneth, I. "Sistemas de classificação e a ciência do concreto". *Anuário Antropológico/76*, pp. 121-148. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1977.

VIDAL, Lux Boelitz. *Morte e vida de uma sociedade indígena brasileira: os Kayapó — Xikrin do rio Cateté*. São Paulo: HUCITEC E EDUSP, 1977.
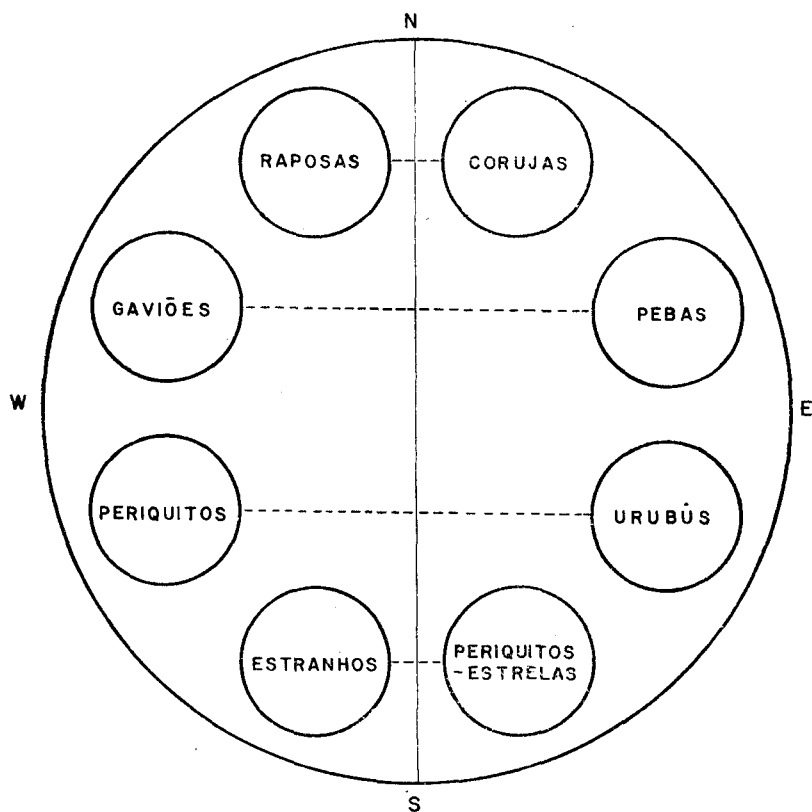
FIGURA n.º 1: Grupos da praça Craôs. As linhas interrompidas indicam a oposição ideal em certas corridas de toras.
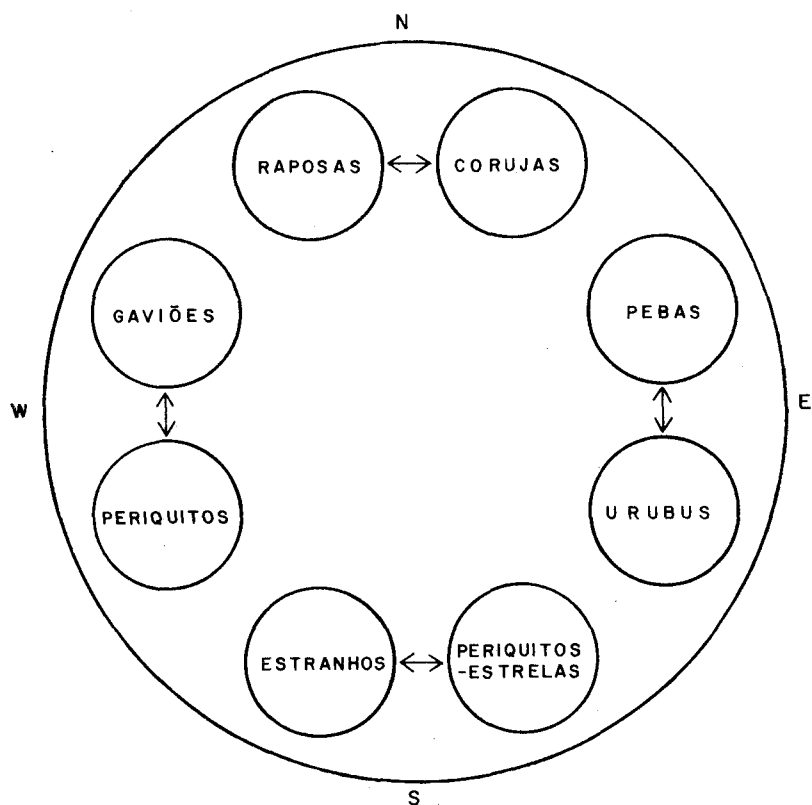
FIGURA n.º 2: Pares de grupos da praça Craôs. Construção do pesquisador. As setas ligam os membros do mesmo par.
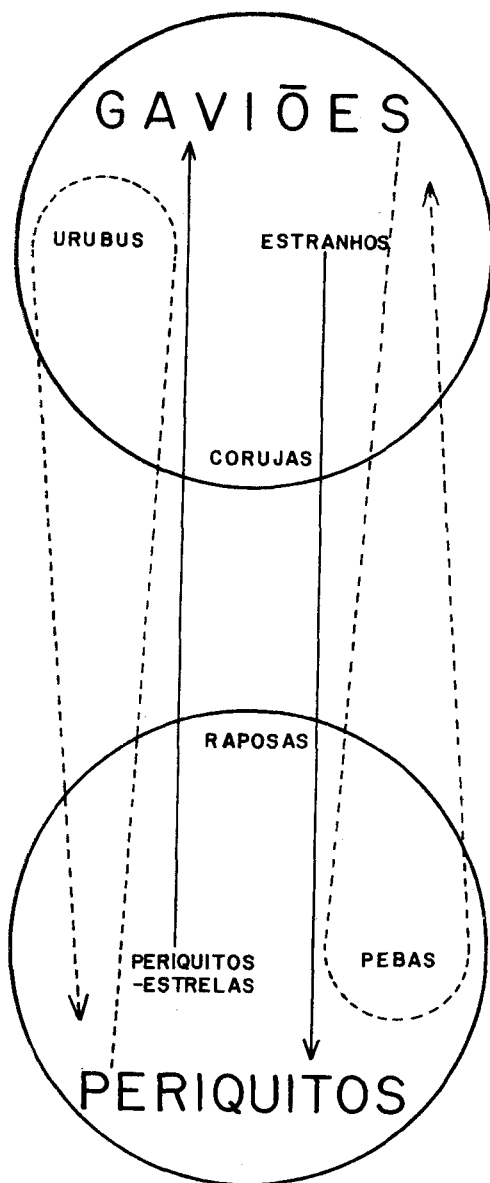
FIGURA n.º 3: Representação gráfica da interpretação dos grupos da praça Craôs pelo pesquisador. As setas em linha cheia indicam deslocamento definitivo de um grupo para outro; as setas em linha interrompida, deslocamento temporário.
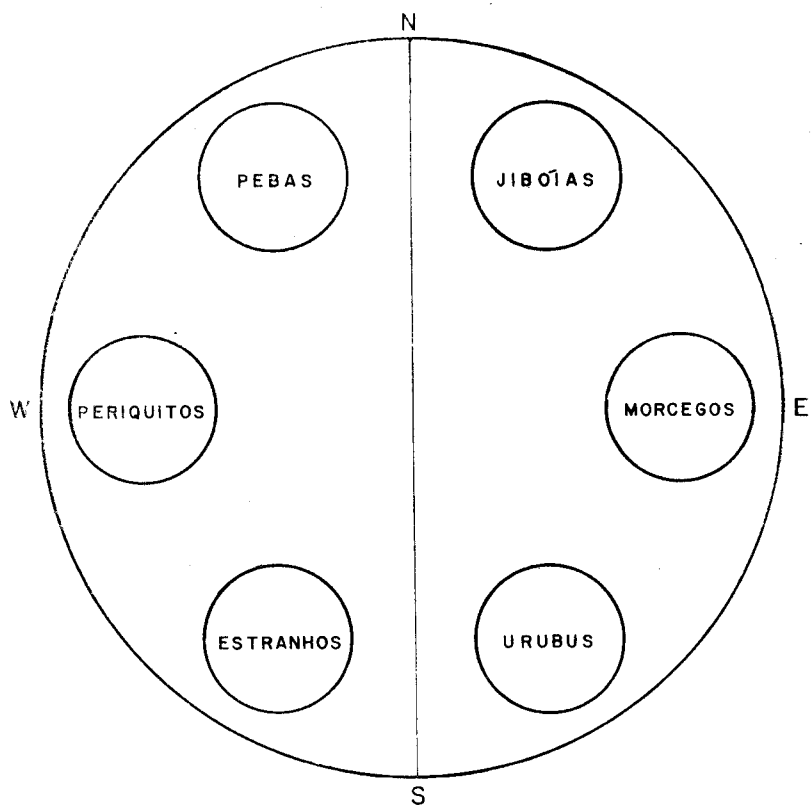
FIGURA n.º 4: Grupos da praça Ramkhokhamekhrá.
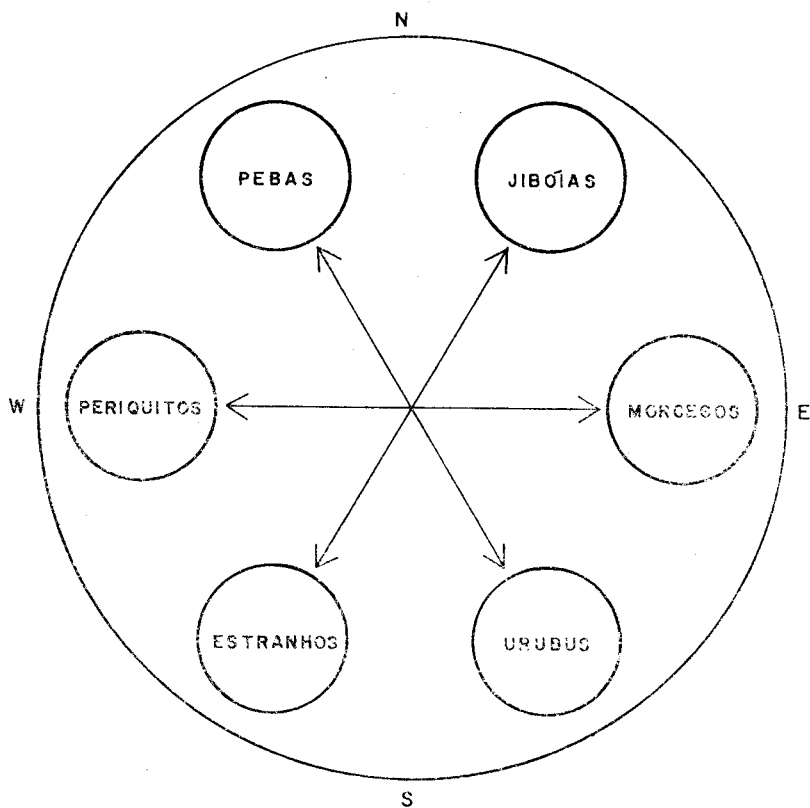
FIGURA n.º 5: Pares de grupos da praça Ramkhokhamekhrá. Construção do pesquisador. As setas ligam os membros do mesmo par.
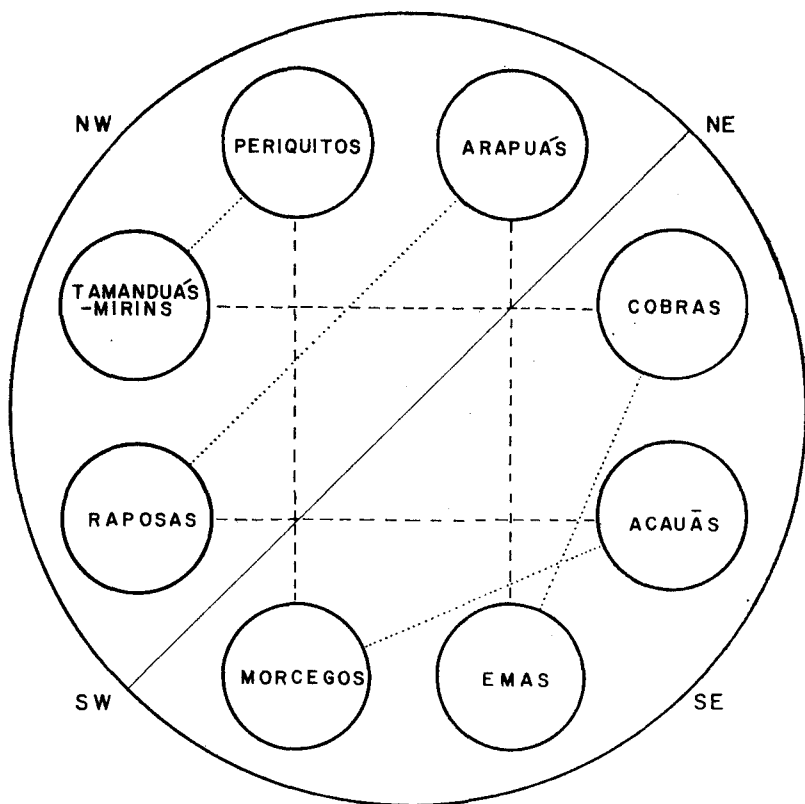
FIGURA n.º 6: Grupos da praça Krinkati. As linhas interrompidas ligam os rivais nas corridas de toras e as pontilhadas, os que trocam paparutos entre si.
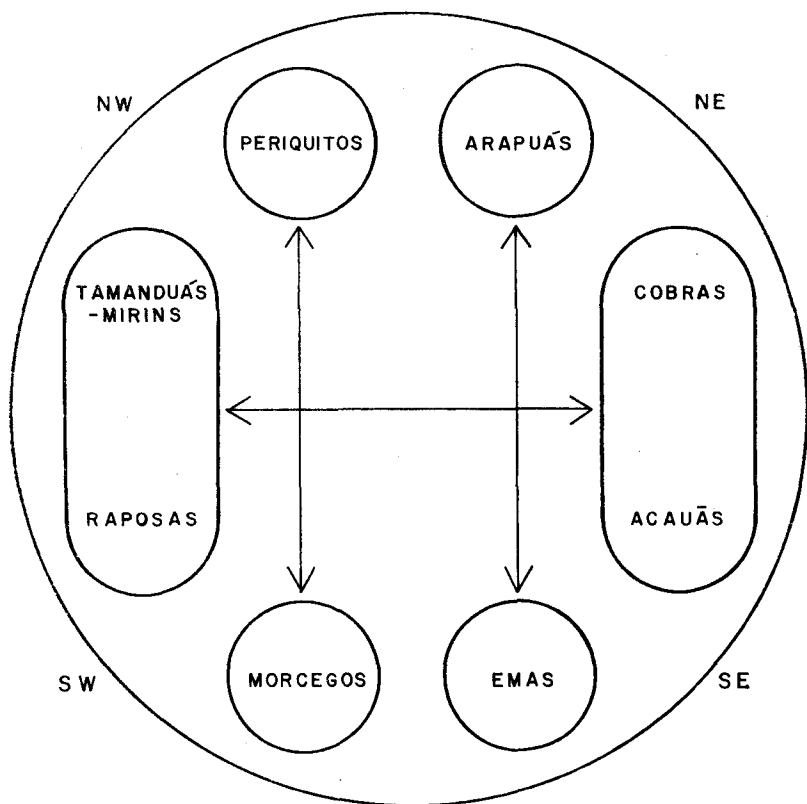
FIGURA n.º 7: Pares de grupos da praça Krinkatí. Construção do pesquisador. As setas ligam os membros do mesmo par. O envolvimento de mais de um nome pela mesma linha indica duplicidade.

Craôs	*Ramkhokhamekrá*	*Krinkati*
Gaviões	Morcegos	Morcegos
Periquitos	Periquitos	Periquitos
Urubus	Urubus	
Pebas	Pebas	
Corujas	Jibóias	Acauãs Cobras
Raposas		Raposas Tamanduás-mirins
Estranhos	Estranhos	Emas
Periquitos-estrelas		Arapuás

FIGURA n.º 8: Correspondências entre os grupos da praça das três tribos.